



# VARIAÇÃO DE SINAIS NOS RITMOS DA CULTURA MARANHENSE: UM ESTUDO DE LEXIAS ENTRE OS SURDOS LUDOVICENSES

Josiane Coelho da Costa (UFMA)<sup>1</sup>  
[josianecoelho costa@gmail.com](mailto:josianecoelho costa@gmail.com)

Heridan de Jesus Guterres Pavão Ferreira (UFMA)<sup>2</sup>  
[hguterres@hotmail.com](mailto:hguterres@hotmail.com)

**RESUMO:** A variedade nos falares é um fato irrefutável à realidade de toda língua. No tocante à Libras (Língua brasileira de sinais), mesmo após o seu reconhecimento no Brasil, a partir da Lei 10.436 de 24 de abril de 2002, ainda é possível observar diversas concepções errôneas. Por apresentar uma modalidade visual, algumas especificidades reforçam conceitos equivocados, especialmente sobre seu status enquanto Língua. Assim, considerando que trata-se de uma língua natural e denota toda a dinamicidade e complexidade das línguas em modalidade oral, o fenômeno da variação linguística também pode ser observado na Libras. Desse modo, o presente trabalho objetiva analisar as variações de sinais entre os surdos maranhenses e integra ainda discussões acerca da percepção cultural desses sujeitos. Para fins metodológicos foram entrevistados doze surdos, sendo seis mulheres e seis homens com idade a partir de dezoito anos, residentes na cidade de São Luís do Maranhão, considerando que esta agrega um número significativo de grupos das duas manifestações culturais mais características da região; Bumba-meu-boi e tambor de crioula. Nesse contexto, com vistas a ampliar o entendimento ao tema realizou-se ainda uma pesquisa bibliográfica a partir dos pressupostos de Cezario e Votre (2018), Bortoni-Ricardo (2017), Nogueira e Ferreti (2012) e Bagno (2002, 2007). Os resultados obtidos destacam uma significativa variação entre a comunidade surda do Estado, bem como, uma forte percepção acerca das manifestações culturais locais; destacou-se ainda uma variação maior entre o sexo/gênero masculino. Em face do exposto cabe destacar a importância desses estudos, sobretudo os relacionados a lexias, que muito contribuem na cessação de concepções equivocadas e de preconceito linguístico envolvendo a comunidade surda. Espera-se colaborar de forma significativa, com a pesquisa, para instigar reflexões no que se refere a variedade nos falares desses sujeitos e na compreensão acerca da Libras, posto que, trata-se de uma Língua reconhecida, estruturada e com grande relevância tanto para os usuários quanto profissionais e estudantes da área.

**PALAVRAS-CHAVE:** Variação linguística. Libras. Sinais. Maranhão. Cultura.

**ABSTRACT:** The variety in ways of speaking is an irrefutable fact in language reality. Regarding Brazilian sign language, even after its recognition in Brazil by Law 10.436 – April 24, 2002, it's still possible to observe several erroneous conceptions. Due to being a visual category, some particularities reinforce wrong concepts, especially about its status as a language. Thus, considering that it deals with a natural language and denotes the set of dynamics and complexity of oral language, the phenomenon of linguistic variation can also be observed in Brazilian sign language. Thus, this paper aims to analyze the

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras-Libras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Membro do grupo de pesquisa Linguagens, culturas e identidade.

<sup>2</sup> Doutora em Informática na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do sul (UFRGS); Mestre em Saúde e Ambiente da Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Licenciada em pedagogia na ISEPRO; Professora do curso de Letras-Libras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).



variations of signs among deaf people from Maranhão and also integrates discussions about the cultural perception of these subjects. For methodological purposes, twelve deaf people were interviewed, six women and six men aged eighteen years and older, residing in the city of São Luís do Maranhão, considering that it aggregates a significant number of groups from the two most characteristic cultural manifestations of the region; Bumba-meu-boi and Tambor de Crioula. In this context, aiming to broaden the understanding of the theme, bibliographic research was also performed based on assumptions from Cezario and Votre (2018), Bortoni-Ricardo (2017), Ferreti (2012) and Bagno (2002, 2007). The results highlight a significant variation among the state's deaf community, as well as a strong perception about local cultural manifestations. There was also greater variation between the male sex/gender. In light of the above, it is important to highlight the importance of these studies, especially those related to lexias, which greatly contribute to the cessation of misconceptions and linguistic prejudice involving the deaf community. It is expected to collaborate significantly with the research in order to instigate reflections regarding speech variety in these subjects and understanding about Brazilian sign language since it is a recognized language, structured and of great relevance to users as professionals as well as students of the area.

**KEYWORD:** Linguistic variation; Brazilian sign language; Maranhao; Culture.

## 1 Introdução

A partir das pesquisas iniciais sobre as línguas de sinais por volta de 1960, os estudos relacionados aumentaram consideravelmente. Hoje é possível encontrar diversas investigações voltadas à cultura, organização gramatical, sistema de transcrição. Aqui no Brasil, a Língua brasileira de sinais (Libras), foi reconhecida pela Lei 10.436/2002 e regulamentada pelo Decreto 5.626/2005. Indiscutivelmente uma grande conquista para a comunidade surda. Estes dispositivos asseguram, entre outras coisas, direito à participação ativa aos espaços sociais. Entretanto, ainda há muito a ser conquistado, sobretudo, no tocante ao status de Língua, que é questionado, muitas vezes e comparado a dialetos, gírias ou códigos.

Muitas discussões atuais concordam que nenhuma língua é mais rica que a outra, que não há língua completa e acabada e que estas evoluem de acordo com a necessidade de seus usuários. Nesse sentido, a Libras mesmo em uma modalidade espaço-visual possui estrutura dinâmica e complexa assim como as línguas orais, estando passível à mudança e variação. Desse modo, objetiva-se neste trabalho analisar as variações de sinais entre os surdos maranhenses e investigar o fenômeno da variação linguística na Libras. O estudo integra ainda, discussões acerca da percepção cultural desses sujeitos.



Nessa perspectiva, com vistas a se verificar a variedade dos sinais no contexto da comunidade surda<sup>3</sup> e os fatores influenciadores que contribuem para tal fenômeno, buscou-se inicialmente conteúdos bibliográficos com base nos pressupostos de Cezario e Votre (2018), Nogueira e Ferreti (2012), Bortoni-Ricardo (2017) e Bagno (2002, 2007), para ampliar o entendimento sobre a temática. Posteriormente realizou-se pesquisa de campo através de entrevistas semiestruturadas com doze surdos, sendo seis mulheres e seis homens com idade a partir de 18 anos, residentes na cidade de São Luís do Maranhão, considerando que esta agrega um número significativo de dois grupos das duas manifestações culturais mais características do Estado: Tambor de crioula e Bumba meu boi, campos semânticos discutidos neste trabalho.

Os resultados obtidos destacaram grande variação de sinais entre os entrevistados, mesmo a pesquisa realizando-se em uma cidade com extensão relativamente pequena; os sujeitos demonstraram uma percepção significativa dos ritmos maranhenses referidos. Destacou-se ainda uma variação maior entre o sexo/gênero masculino. Para os profissionais da área e a própria comunidade surda, todos os estudos relacionados a Libras desconstruem equívocos que empobrecem a Língua brasileira de sinais e desmistificam concepções errôneas que a envolvem. Espera-se assim, contribuir para fornecer perspectivas teóricas que aprofunde as reflexões em torno da Língua.

## 2 Sociolinguística: a língua em uso real

A linguística é definida por muitos estudiosos como uma disciplina que estuda cientificamente a língua e estudar cientificamente significa sistematizar as observações relacionadas a ela, como por exemplo, a capacidade da linguagem que é observada nos falares ou textos escritos, no qual se inicia uma investigação desenvolvida a partir desse processo observatório. No que tange a sociolinguística nessa perspectiva de estudos científicos da língua, temos que:

---

<sup>3</sup> Considera-se a existência de comunidades linguísticas formadas por grupos específicos de falantes da Libras, tal como ocorre com as línguas orais auditivas, no caso em tela, a língua portuguesa.

A sociolinguística parte do princípio de que a variação e a mudança são inerentes às línguas e que, por isso, devem sempre ser levadas em conta na análise linguística. O sociolinguístico se interessa por todas as manifestações verbais nas diferentes variedades de uma língua. Um de seus objetivos é entender quais os principais fatores que motivam a variação linguística, e qual a importância de cada um desses fatores na configuração do quadro que se apresenta variável (CEZARIO e VOTRE, 2018, p. 141)

Nesse contexto, inserem-se os estudos iniciais de William Labov na ilha de Martha's Vineyard, Massachusetts, na década de 1960, que significativamente destacaram-se, originando o que conhecemos hoje como sociolinguística variacionista / Laboviana ou teoria da variação, segundo afirmam Cezario e Votre (2018). Em suas pesquisas, Labov coletou dados de entrevistas com os habitantes da ilha, nos quais foi possível perceber uma mudança linguística em curso: duas formas de pronunciar os ditongos.

Segundo Bortoni-Ricardo (2017), foi verificada a centralização do ditongo *aw* um fenômeno novo na ilha, assim, considerando que Martha's Vineyard era um local de veraneio, e constantemente recebia turistas durante os meses de verão, Labov, apoiado pelos dados das entrevistas, interpretou a invasão dos veranistas como a explicação na mudança no inglês da ilha. Percebeu ainda um aumento de centralização no ditongo *ay* em relação aos dados anteriores dos habitantes da ilha, este, foi explicado pelo fato da população mais tradicional reagir contra a invasão dos veranistas na ilha, uma tentativa de manter a identidade.

Outra corrente de estudo da sociolinguística que surge depois da variacionista, é a sociolinguística interacional. Esta por sua vez, “rejeita a separação entre língua e contexto social e apoia-se no pressuposto de que a interação humana é constitutiva da realidade social” (BORTONI-RICARDO, 2017, p. 146). Ou seja, a língua se manifesta e a partir do espaço onde os diferentes sujeitos enunciam.

Entre os principais autores que defendem essa concepção estão Jan-Petter Blom e Jhon J. Gumperz, pioneiros dessa corrente que em suas pesquisas descrevem padrões da fala analisando-a a partir das relações sociais, que conforme Ribeiro e Garcez (2002,



p. 45) são “subjacentes entre os falantes”. Para estes autores a regularidade de comportamento percebido na fala não se constitui atos que explicitam os falares de uma determinada comunidade linguística, mas escolhas individuais, que se materializam por meio das enunciações dos sujeitos, em determinados contextos comunicacionais.

Diante das duas correntes expostas, baseou-se as análises desta pesquisa, buscando reflexões que se aproximem da sociolinguística interacional; e também relacionou-se assim, alguns aspectos na sociolinguística Laboviana. O que se busca neste estudo não é concordar com literaturas diversas que se apoiam em apenas um dos lados. Em Libras todo sinal diferente é atribuído por alguns grupos de profissionais da área como variação regional, mas até que ponto podemos apenas aceitar ser esta a única explicação?

São suscitados, pois, alguns questionamentos e, nesta acepção, o trabalho ora apresentado levanta algumas indagações. Vale ressaltar que muitos desses questionamentos partem das experiências das autoras, uma enquanto discente e outra como docente do curso de Letras Libras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) que vêm, ao longo de anos, vivenciando tais discussões principalmente no âmbito social, o que as instigou a trazê-las para o contexto acadêmico.

## 2.1 Variável e Variante

Para Cezario e Votre (2018), na sociolinguística, a variação é um fenômeno motivado pelos fatores linguísticos e extralinguísticos, logo, torna-se necessário às pesquisas, estudar os diversos domínios de variação: como se estrutura na comunidade que fala, quais os contextos linguísticos e extralinguísticos que as favorecem ou que inibem. Nessa direção Coelho et al (2015) analisa que o lugar na gramática onde se localiza a variação linguística é o que chamamos de variável, e as diferentes formas como a palavra se apresenta sem perder o significado referencial são as variantes.

Nesse contexto de variação nota-se ainda que em determinados grupos linguísticos há escolha por uma ou outra variante, a esse fenômeno dá-se o nome de condicionadores que estão ligados a aspectos internos e externos da língua. As escolhas



das variantes identificam, muitas vezes, a cidade em que mora o falante, apontando seu grau de escolaridade, idade, sendo que tais aspectos muitas vezes, estigmatizam pessoas de classes sociais consideradas como desprivilegiadas, seja em razão da faixa etária dos sujeitos, seja pelo grau de escolaridade destes, suas condições econômicas e sociais ou mesmo por outras razões.

Atualmente existe uma significativa onda de combates aos mais diversos tipos de preconceitos que têm se espalhado, sobretudo no meio da comunicação virtual. De acordo com Ferreira (2016) o espaço virtual se concretiza no contexto das relações entre os sujeitos. Visualizam-se assim, os textos digitais e imagens impactantes que ilustram as redes sociais, o que vem fazendo com que se materializem manifestações contra a intolerância e o preconceito em rede. Tais manifestações têm levantado bandeiras ideológicas no sentido de que se aceite a diversidade do povo brasileiro; de que se aceite as chamadas minorias, no que concerne a seu jeito de ser, de viver e principalmente de se expressar.

Cabe, no entanto, ressaltar que o preconceito linguístico ainda é uma realidade bastante contundente, especialmente nas sociedades letradas/escolarizadas e notadamente urbanas, haja vista, estas terem a falsa impressão de que o uso da norma padrão da língua é fator de ascensão social e poderio. Toma-se como exemplo o uso dos pronomes pessoais, na primeira pessoa do plural com os verbos no presente do indicativo; tal uso classifica o que a sociedade denomina de “certo” ou “errado”, melhores ou piores.

Há quem fale “nós cantamos” e há quem escolha “a gente canta”, desse modo, dentro da concepção de norma padrão e coloquial, fica perceptível o julgamento social de que, as formas “a gente cantamos” e “nós canta” pertencem a pessoas com menor grau de escolaridade, nível social econômico inferior ou habitantes de zona rural. Tais pessoas estigmatizadas por seu jeito de se expressar, geralmente compõem os grupos da cultura popular, formado por homens, mulheres e crianças oriundos da zona rural ou das regiões periféricas, que não somente se expressam em uma linguagem popular, mas usam lexis específicas de suas regiões de origem.



Para Bagno (2007) é urgente que se entenda que é possível falar de outras formas que não sejam somente a padrão (padrão de classes privilegiadas), destaca também os condicionadores que motivam os diferentes falares. Nessa perspectiva busca-se no presente trabalho observar tais fenômenos na Libras, uma vez que, a língua sinalizada do país é primordialmente viva e passível de variação, mas ainda pouco conhecida.

### 2.2 Variação linguística na Libras

O fato de a Libras ser reconhecida no país, a partir de seus dispositivos legais, não se torna suficiente à comunidade linguística a qual pertence. Mesmo com grandes conquistas ao longo dos anos ainda é preciso reafirmar que a Libras é língua. O senso comum demonstra surpresa e insatisfação pela diversidade dos sinais no contexto da surdez, não compreendendo que assim como todas as línguas orais, o fenômeno de variação faz-se presente na sua estrutura.

Há inclusive, quem reivindique uma universalização, desconsiderando todos os fatores importantes que compõe a cultura de cada país. Não. A língua sinalizada dispõe de aspectos linguísticos imprescindíveis e universaliza-la teria o mesmo efeito se a humanidade falasse apenas uma língua. Podemos atribuir tais especulações pela falta de conhecimento acerca da língua, afinal, temos 1960 como o marco inicial nos estudos das línguas de sinais, com Stokoe e a Língua Americana de sinais (ASL), uma data relativamente recente.

Uma pesquisa desenvolvida por Lima (2009) sobre a variação linguística entre surdos no estado do Pará, estruturada com oito sujeitos de um cursinho inclusivo de pré-vestibular, mostrou nas falas dos surdos oralizados<sup>4</sup> mais variações semânticas do que nos surdos não oralizados. Nesse sentido, observa-se que o contato com possibilidades oralistas permitiram variações nas sinalizações dos surdos citados, ou seja, novas interações agregaram formas diferentes de expressão a esses sujeitos.

---

<sup>4</sup> Oralização é um termo muito utilizado no contexto da surdez atribuído aos surdos que conseguem fazer leitura labial, alguns têm esta facilidade pelo contato com o profissional de fonoaudiologia, outros pela vivência com ouvintes na própria família.



Machado e Weininger (2018) também desenvolveram uma pesquisa a partir de análises de vídeos em Libras do *youtube*, na qual foi possível inferir variações tais como, redução, duplicação e omissão. Por exemplo, se o sinal realizado era executado com as duas mãos e possuía os mesmos parâmetros, os usuários da Libras realizavam com apenas uma mão. Outra variação identificada na pesquisa tratava do movimento, se este, fosse executado duas vezes, o sinalizante executava apenas uma vez, definida como redução pelos pesquisadores. As citadas pesquisas demonstram a dinamicidade da Libras e como esta pode sofrer alteração de acordo com os diferentes grupos que a utilizam, como concorda Bagno (2002).

### 3 Cultura maranhense : campo semântico da pesquisa

No Maranhão duas grandes manifestações culturais destacam-se grandemente: o Tambor de Crioula, conhecido também como Punga, e o Bumba meu boi (BMB). Danças típicas do Estado, geralmente de conteúdo profano, algumas vezes com significação religiosa, possibilitando assim, um embrincamento entre sagrado e profano, podendo ser considerada uma *brincadeira*, para que a prática vá além de objetivos materiais, ou seja, com vistas a um recebimento de cachê, por apresentação.

O tambor de crioula é realizado em qualquer época do ano e faz parte de praticamente todas as atividades comemorativas, sendo apresentado especialmente no carnaval e festejos juninos. Alguns grupos fazem homenagens a santos católicos, sendo São Benedito o mais reverenciado, entre todos, em razão de sua imagem devocional estar geralmente ligada ao povo negro, o que não quer dizer que em outras festas dedicadas a outros santos católicos não aconteçam as chamadas “salvas de tambor”. (NOGUEIRA e FERRETTI, 2012).

A história da colonização brasileira é marcada, entre outros aspectos, pela exploração escravocrata dos negros que eram trazidos de diversas regiões da África. Assim, o tambor de crioula é marcado por fortes traços africanos, no qual a dança acontece geralmente com homens tocando a tríade de tambores, conhecida como *parelha*, formada pelo tambor grande, *meião* e *crivador*, tendo ainda a ajuda de dois





pedaços de madeira, conhecidos como matraca, que tocado freneticamente ajudam a harmonizar o toque da parelha.

Ao toque dos tambores acompanhados pela cantoria masculina, uma das mulheres sai da roda e dança à frente da parelha. Ela assim permanece, em uma saudação ao instrumento, em um misto de graça e sensualidade. Essa coreira é, em seguida, substituída por outra que sai da roda e a saúda com o bater de umbigos ou barrigas, conhecido como umbigada, o que faz com que a primeira volte para a roda e a segunda passe a bailar diante da parelha, ou seja, no centro da roda, como destaca Nogueira e Ferreti (2012).

No tocante ao BMB, este é considerado a manifestação cultural mais característica do Maranhão. Remete ao ciclo do gado e sua origem está na costa da região nordeste, em razão do plantio da cana e fabricação do açúcar nos engenhos. A brincadeira une os elementos que tradicionalmente formam o povo brasileiro, ou seja, negros, indígenas e caboclos.

Diferentemente do Tambor de Crioula, o BMB não é somente toque de instrumentos e cantorias conhecidas como toadas. Ele envolve também uma espécie de teatro conhecido como auto do BMB. Tanto o auto do BMB, como as toadas cantadas neste, como também, as ladainhas do Tambor de Crioula são repletas de lexias específicas das duas brincadeiras e que propomos discutir no trabalho ora apresentado.

Para tanto, considerando a grande relevância do conhecimento cultural destes dois elementos, especialmente na vida do maranhense, buscou-se analisar o nível de variação linguística nos termos da cultura do Maranhão, enfatizando-se, porém, um aspecto: o conhecimento de pessoas surdas acerca da temática, assim como da sinalização utilizada por estes para nominar no contexto da Libras, aspectos vocabulares presentes no BMB e no Tambor de Crioula.

A metodologia do trabalho iniciou-se pelo levantamento bibliográfico com base nos pressupostos de Cezario e Votre (2018), Nogueira e Ferreti (2012) e Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2017), entre outros autores. A segunda etapa organizou-se a partir da pesquisa de campo com doze surdos ludovicenses, sendo seis mulheres e seis homens

com idade a partir de 18 anos todos residentes da cidade citada, quando foram feitos os seguintes questionamentos: [1] Quais das imagens ilustradas não fazem parte da cultura marenhense e qual dança está representada nas fotos a seguir<sup>5</sup>?

Ressaltamos que todos os dados coletados foram registrados através de vídeos, e mediados pelo profissional tradutor-intérprete de Libras, sendo devidamente autorizado pelo Termo de Consentimento livre e esclarecido. Entretanto não usaremos os nomes reais dos participantes entrevistados.

#### **4 Análise e discussão dos dados**

Os dados coletados foram analisados com base nos parâmetros<sup>6</sup> da Libras: Configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA), movimento (M), direcionalidade (D), orientação da palma da mão (OM) e expressão facial ou não manuais (EF/ENM). Esses parâmetros são essenciais na formação dos sinais. Segundo Coutinho (2009) sempre que realizamos um sinal fazemos uso de vários desses parâmetros. Desse modo, as análises serão observadas a partir destes que se constituem como elementos essenciais na Libras, considerando sua modalidade visual-espacial.

##### **4.1 Variante tambor de crioula**

Para um total de doze pessoas entrevistadas, seis sinais diferentes foram encontrados referentes à variante *tambor de crioula*. O sinal que mais se repetiu entre os participantes foi o ilustrado na figura<sup>7</sup> 1A. Nesta primeira variação, dois participantes do sexo/gênero masculino com idade 20 e 56 anos e duas mulheres com idade 20 e 23 anos executaram o seguinte sinal:


---

<sup>5</sup> Apresentou-se algumas fotos para os entrevistados, a fim de que estes, a partir das imagens, sinalizassem.

<sup>6</sup> Em Libras são os aspectos que formam o sinal, tais como, configuração de mãos, movimento, locação, orientação da palma de mão, direcionalidade e expressões faciais ou expressões não manuais.

<sup>7</sup> Todas as fotos usadas no presente estudo pertencem às pesquisadoras do trabalho, reproduzidas de acordo com os dados coletados em vídeos.

**Figura 1A:** tambor

	<p>(CM) Configuração de mão: N° 05<sup>8</sup> (PA) Ponto de articulação: ponto neutro à frente do corpo, direção da barriga; (M) Movimento: circular; (D) Direcionalidade: para frente e para trás; (OM) Orientação de mão: para dentro.</p>
<p>Sinal realizado com as duas mãos abertas, à frente do corpo, na direção da barriga com movimentos circulares para frente e para trás e as palmas das mãos para dentro do corpo. A expressão facial compõe os lábios fechados e presos informando que está havendo esforço ao tocar o tambor.</p>	

Sendo 1A o sinal mais repetido para variante *tambor de crioula*, esta poderia ser considerada uma forma padrão entre os usuários, uma vez que foi a variante mais repetida entre os entrevistados, mas o padrão colocado aqui, pensa-se sob uma perspectiva daquilo que está dicionarizado e não nas questões de classifica-lo em mais ou menos prestigiados pelo fato de ser usado por determinados sujeitos; entretanto, a manifestação cultural em tela não está registrada nos principais dicionários de Libras do país, nem Capovilla (2009) e nem no Flávia Brandão (2012).

Diante a variação apresentada, questiona-se: Se entre os entrevistados a idade foi um fator bem discrepante, ou seja, houve informantes de diferentes faixas etárias; o sexo/gênero variou na mesma proporção e todos fazem parte da mesma classe social, como analisar esse fenômeno? Sobre a sinalização em questão não estaria dentro de uma classificação de variações diacrônicas (relacionadas a faixa etária), pois houve um informante do sexo/gênero masculino com idade 23 e outro com 56, O que corrobora



<sup>8</sup> As numerações de configuração de mãos usadas no trabalho estão baseadas na tabela do INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos).

para quebra dos paradigmas existentes acerca das variações linguísticas em Libras que são, em geral, consideradas como gírias ou “palavra da moda”.

Repensa-se também a questão da variação diastrática (grupos sociais), pois todos os participantes estão inseridos no mesmo contexto social; e a categoria sexo/gênero que pode ser um fator influenciador nas variantes linguísticas, como destaca Coelho et al (2015), apresentou-se variando em proporções iguais no que se refere esta primeira sinalização destacada em 1A. Torna-se relevante demarcar que a Libras ainda é relativamente nova e seus estudos trazem muito mais indagações do que afirmações, assim, não cabe ainda aqui solucionar aspectos estruturais da Libras, mas acredita-se que questionar pode ser um passo essencial para progredir nesses estudos.

Outro sinal coletado, destacado em figura 1B trata-se de um sinal composto<sup>9</sup>, que foi realizado por dois homens na faixa etária 30 anos e uma mulher 29 anos. Vejamos:

**Figura 1B:** tambor + saia

	
<p>(CM) Configuração de mão: N° 05; (PA) Ponto de articulação: ponto neutro à frente do corpo, na direção da barriga; (M) Movimento: circular; (D) Direcionalidade: para frente e para trás; (OM) Orientação de mão: para dentro.</p>	<p>(CM) : N° 18; (PA) : ponto neutro à frente ao corpo e na direção da cintura; (M) : circulares; (D) : para cima e para baixo; (OM): para dentro.</p>

<sup>9</sup> Na Libras, significa dizer que são necessários dois sinais para referir-se a uma única palavra (sinal).


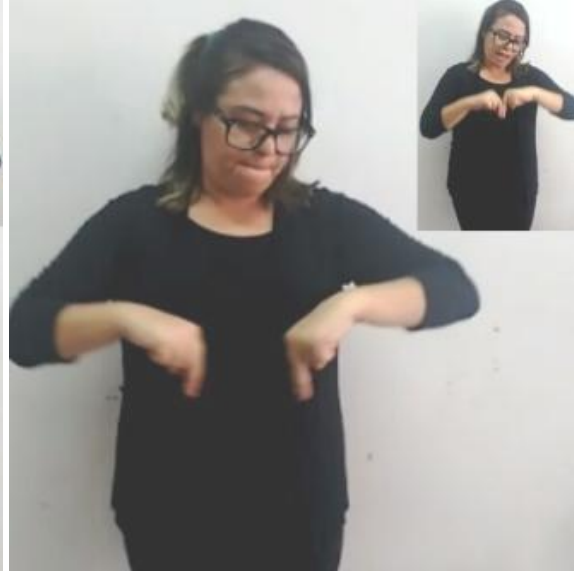


Sinal realizado com as duas mãos abertas, à frente do corpo, na direção da barriga com movimentos circulares para frente e para trás e as palmas das mãos para dentro do corpo. A expressão facial compõe os lábios fechados e presos informando que está havendo esforço ao tocar o tambor. Na segunda parte do sinal, as mãos apresentam uma configuração com os indicadores e polegares juntos, os outros dedos abertos, na direção da cintura simulando a saia das coreiras em movimento.

Uma das composições do sinal apresentado em figura 1B remete à saia das coreiras, uma indumentária feminina, que foi percebida também, pelos entrevistados do sexo/gênero masculino. Os três sinalizantes têm faixa etária próxima, possuem atividades em comum e estão presentes em algumas organizações de projetos em centro de apoio aos surdos no Estado do Maranhão. Diante o exposto, reflete-se acerca da variação em 1A, na qual os sinalizantes não participavam de um grupo com muita proximidade. Nessa acepção, a “variação constitui-se na própria interação” (BORTONI-RICARDO, 2017, p. 147).

A figura 1C, foi realizada por dois participantes do sexo/gênero masculino com idade 30 e 34 anos. O destaque no sinal apresentado aponta para características marcantes do *tambor de crioula*: a figura das coreiras, as dançarinas que por algum momento se batem na dança, momento conhecido como *punga*, ilustrado a seguir:

**Figura 1C:** tambor + classificador<sup>10</sup> para pessoas se batendo


	
<p>(CM) Configuração de mão: N° 05; (PA) Ponto de articulação: ponto neutro à frente do corpo, na direção da barriga; (M) Movimento: circular; (D) Direcionalidade: para frente e para trás; (OM) Orientação de mão: para dentro.</p>	<p>(CM) : N° 21; (PA) : ponto neutro a frente do corpo; (M) : retilíneo; (D) : direita para a esquerda e esquerda para direita; (OM): para baixo.</p>
<p>Sinal realizado com as duas mãos abertas, à frente do corpo, na direção da barriga com movimentos circulares para frente e para trás e as palmas das mãos para dentro do corpo. A expressão facial compõe os lábios fechados e presos informando que está havendo esforço ao tocar o tambor. Na segunda parte do sinal, as duas mãos ficam em uma configuração de “N”, classificando duas mulheres pertencentes a dança (duas coreiras) que encontram-se uma com a outra. A expressão facial também compõe os lábios fechados e pressionados.</p>	

Nesta variação, observa-se dois sinalizantes de faixa etária próximas, mesmo sexo/gênero, mesmos grupos sociais, o que chama atenção na relação entre a escolha da variante e os aspectos culturais e sociais, corroborando com as proposições de Cezário e Votre (2018) quando afirmam que o sujeito inserido em sociedade falante compartilha as experiências e as atividades dessa comunidade. E no caso de 1C, os surdos, possuem grupos comuns: trabalham e estudam nos mesmos espaços.

<sup>10</sup> Em Libras os classificadores são sinalizações que detalham determinado sinal com especificidades da sua forma ou movimento, Por exemplo o sinal que corresponde à palavra pessoa; é feito com a mão configurada em P na testa, mas quando usamos classificadores para especificar que esta pessoa está andando, o sinal de pessoa passa a ser em configuração de mão em V com a orientação da palma da mão para dentro, assemelhando-se a duas pernas humanas movimentando-se.

No que tange o sinal ilustrado na figura 1D foi realizado por duas participantes sexo/gênero feminino com idade 20 e 23 anos:

**Figura 1D:** tambor + classificador para pessoa rodando

	
<p>(CM) Configuração de mão: Nº 05 (PA) Ponto de articulação: ponto neutro à frente do corpo, na direção da barriga; (M) Movimento: circular; (D) Direcionalidade: para frente e para trás. (OM) Orientação de mão: para dentro.</p>	<p>(CM) : Nº 49; (PA) : ponto neutro à frente do corpo; (M) : circular; (D) : da esquerda direita; (OM): para dentro.</p>
<p>Sinal realizado com as duas mãos abertas, à frente do corpo, na direção da barriga com movimentos circulares para frente e para trás e as palmas das mãos para dentro do corpo. A expressão facial compõe os lábios fechados e presos informando que está havendo esforço ao tocar o tambor. A segunda parte do sinal é realizada com o dedo indicador em movimentos circulares no ponto neutro em frente ao corpo, simbolizando a roda de dança. O olhar fica fixo no movimento do dedo indicador.</p>	

Na figura 1D as semelhanças entre os sinalizantes são parecidas: Mesmo sexo/gênero, faixa etária próximas e mesmo grupos sociais. Vale destacar, que algumas concepções errôneas acerca da Libras em relação ao seu status de Língua, motiva-se, entre outros fatores, pela variedades de sinais apresentados entre seus usuários. É preciso entendê-la enquanto língua organizada, reconhecida e estruturada dentro de suas especificidades, não como um simples código ou como “gestos dos surdos”.





Os seres humanos não vivem isolados, assim, as atividades sociais, culturais estão fortemente presentes na vida desses indivíduos. “O mundo real, a língua em uso, é inconscientemente construído sobre os hábitos linguísticos do grupo que participamos” (SLOBIN, 1980, p. 244). Nesse sentido, um ponto crucial destaca-se: as duas entrevistadas participam da manifestação cultural como plateia durante alguns anos, assim, a figura da coreira foi uma característica exposta nas suas sinalizações, a partir do movimento giratório que é realizado durante as apresentações do *tambor de crioula*.

Nessa acepção, Blom e Gumperz (2002) chamam atenção para as escolhas individuais; logo, a sinalização corresponde à escolha das duas amigas, e que em uma espécie de subgrupo fizeram suas escolhas ressignificando o sentido da manifestação cultural e focaram em estratégias comunicativas que hoje, fazem parte de um vocabulário utilizado entre elas e que permite desenvolver tranquilamente comunicabilidade, como pontua Bortoni-Ricardo (2017).

No que tange a figura em 1E, a ilustração foi apresentada por apenas um entrevistado do sexo/gênero masculino, 29 anos que não participa de nenhuma forma das manifestações culturais maranhense, conhece apenas por mídias digitais. Nesse contexto de escolhas individuais, cabe destacar também a percepção pessoal do que a manifestação representa ao indivíduo, que no caso desse participante (figura 1E) trata-se de uma dança. A escolha lexical do entrevistado foi pelo sinal de *tambor + dançar*. Demarca-se, portanto que o entrevistado participa de grupos religiosos que não frequentam festividades e nem locais nos quais tenham *tambor de crioula*. Observemos:



**Figura 1E:** tambor + dança

	
<p>(CM) Configuração de mão: Nº 05 (PA) Ponto de articulação: ponto neutro à frente do corpo, na direção da barriga; (M) Movimento: circular; (D) Direcionalidade: para frente e para trás; (OM) Orientação de mão: para dentro.</p>	<p>(CM) : Mão direita (MD) em Nº 26 e mão esquerda (ME) em Nº 05; (PA) : ponto neutro em frente ao corpo; (M) : ME de apoio, parada e MD em movimentos retílineo; (D) : direita para a esquerda; (OM): ME para cima e MD para dentro.</p>
<p>Sinal realizado com as duas mãos abertas, à frente do corpo, na direção da barriga com movimentos circulares para frente e para trás e as palmas das mãos para dentro do corpo. A expressão facial compõe os lábios fechados e presos informando que está havendo esforço ao tocar o tambor. A segunda parte compõe a mão de apoio (nesse caso ilustrado a esquerda) aberta com a palma para cima e a mão direita com o sinal de dança, o dedo polegar levantado e os indicadores e médios simbolizando as pernas de alguém dançando.</p>	


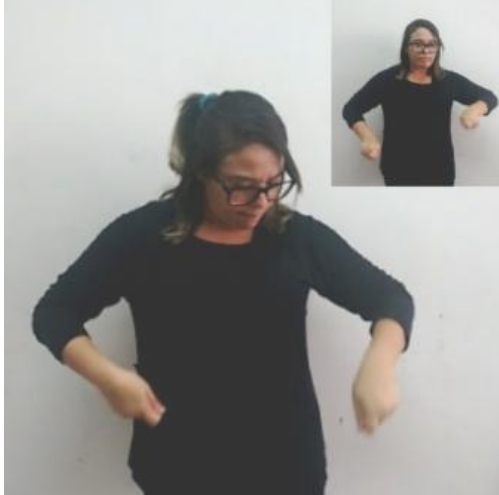
Outra variação coletada, destacada em figura 1F, foi apresentada por uma entrevistada do sexo/gênero feminino com idade 23 anos, esta demarcou que vem participando, durante algum tempo da citada manifestação cultural. O que chamou atenção para a forma que a mão toma simbolizando o gesto de pegar a saia. A informante fecha os pulsos, com força, firmes, como se estivesse na roda de *tambor de crioula*.

A sinalização funciona como um lugar de fala, há especificidades na sinalização que somente quem vivencia sabe. A entrevistada faz o sinal de tambor, e cabe destacar que este se fez presente em todas as composições lexicais de todos os entrevistados; e posteriormente sinaliza com punhos firmes como ela pegaria a saia para dançar. Por estar presente na manifestação cultural, foi possível ressignificar com detalhes

diferenciados dos demais; notou-se uma interpretação que não esteve entre os sinais que mais se repetiram, entretanto foi representado por alguém que conhece o *tambor de crioula* de perto, uma surda participante.

Nessa perspectiva, a Libras, assim como qualquer outra língua oral “não é transparente, mas opaca, o que permite a variabilidade de interpretação [...]” (BAGNO, 2002, p. 25). Torna-se essencial considerar tais conceitos em Libras a fim de desmistificar concepções equivocadas acerca da língua sinalizada. Por trás da língua que se apresenta de modo visual, está um sujeito pensante que se manifesta através desta assim como qualquer usuário de língua oral, afirma Luz (2013). Observemos a sinalização realizada:

**Figura 1F:** tambor + classificador para balanço da saia

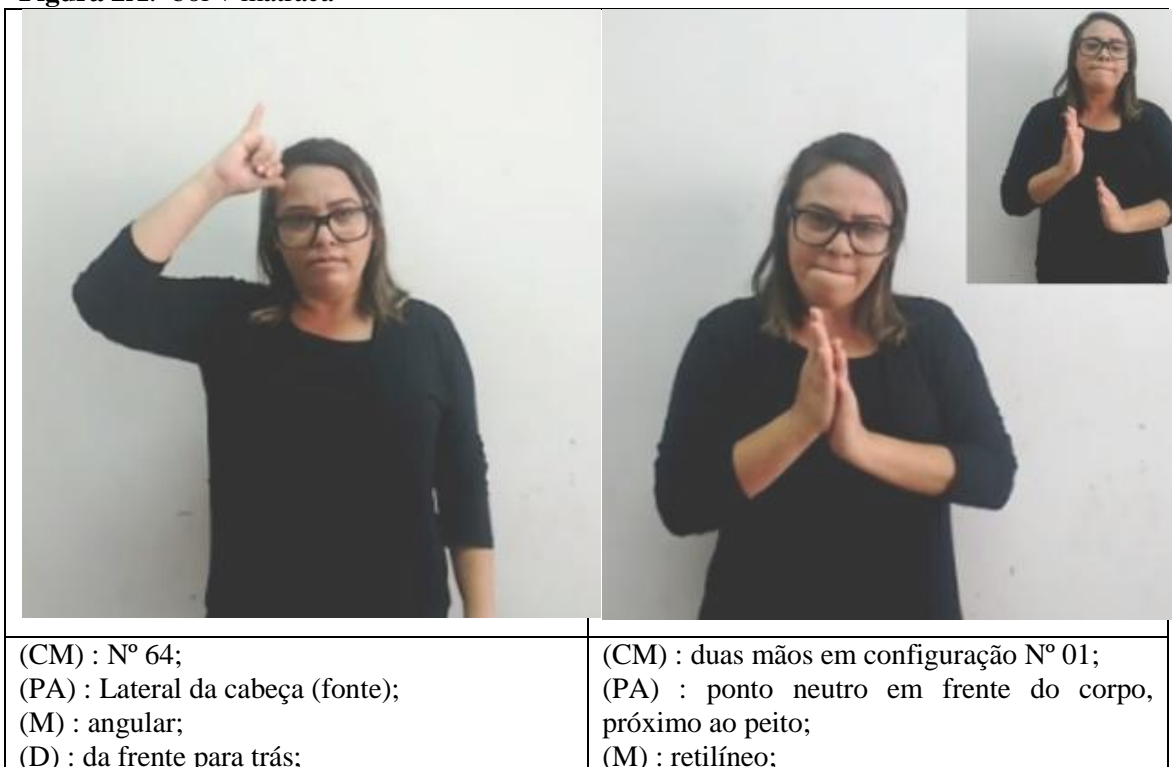
	
<p>(CM) Configuração de mão: N° 05 (PA) Ponto de articulação: ponto neutro à frente do corpo, na direção da barriga; (M) Movimento: circular; (D) Direcionalidade: para frente e para trás; (OM) Orientação de mão: para dentro.</p>	<p>(CM) : duas mãos em N° 46; (PA) : ponto neutro direção da barriga; (M) : zig-zag; (D) : para frente e para trás; (OM): para dentro.</p>
<p>Sinal realizado com as duas mãos abertas, à frente do corpo, na direção da barriga com movimentos circulares para frente e para trás e as palmas das mãos para dentro do corpo. A expressão facial compõe os lábios fechados e presos informando que está havendo esforço ao tocar o tambor. A outra parte do sinal é produzida com punhos fechados, em movimentos de zig-zag, representando a saia das dançarinas.</p>	

Nesse sentido, observou-se que cada participante ressignificou o sentido de *tambor de crioula*, a partir do que representa para si. Para alguns é uma dança, para outros, apenas o instrumento tambor conceitua a manifestação, para alguns desses sujeitos os detalhes da roupa dão todo o sentido à palavra e para outros a pessoa da dança, as coreiras, representam um ponto marcante que define o que é o *tambor de crioula*. No que concerne o fator social sexo/gênero feminino e masculino, apresentaram variações na mesma proporção.

#### 4.2 Variante Bumba meu boi

Entre os dados coletados para o sinal de BMB o sexo/gênero feminino não apresentou variação, todas as seis surdas realizaram a mesma sinalização, sendo estas participantes na faixa etária de 20 a 29 anos. No tocante aos entrevistados surdos do sexo/gênero masculino, dois homens um de 20 e um de 30 anos também representaram *bumba meu boi* como ilustrado em figura 2A:

**Figura 2A:** boi + matraca



(OM): para fora

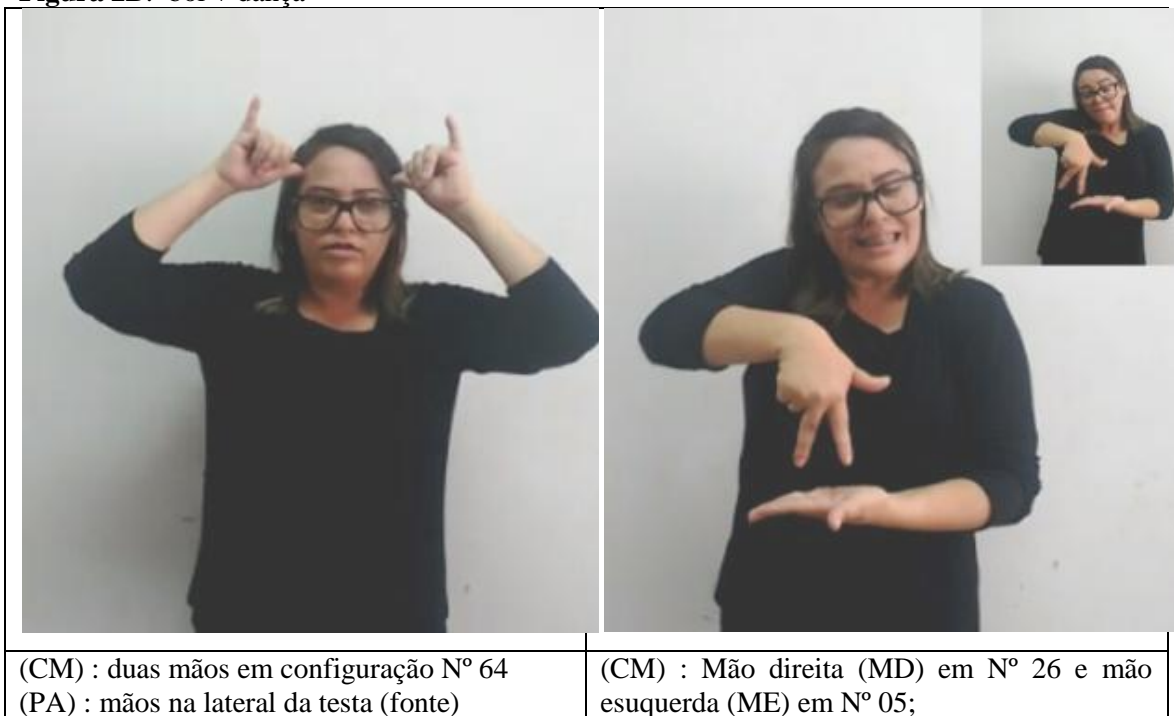
(D) : para cima e para baixo;

(OM): uma mão para a esquerda e a outra para direita.

Sinal realizado com uma mão em “Y”, representando o chifre do boi. Na lateral da cabeça, o polegar toca a fonte, em um movimento deslizando para trás da cabeça. Na segunda parte que compõe o sinal, as duas mãos esfregam-se em movimento para cima e para baixo representando as matraca do bumba meu boi; os lábios ficam, firmes fechados e cerrados como se estivesse fazendo força ao tocar o instrumento.

É importante destacar que os entrevistados deste estudo são todos ludovicenses, mas alguns moram em municípios mais longe da área metropolitana, assim, os informantes que apresentaram a sinalização em 2A fazem parte do grupo que habita e frequentam a manifestação na capital, onde o sotaque<sup>11</sup> matraca é fortemente predominante. Nessa primeira sinalização, as proposições de Coelho et al (2015) quando pontua variação diatópica (variação regional) permite uma reflexão acerca dessa sinalização destacada em 2A, entretanto, um outro informante que também é habitante da área metropolitana de São Luís, realizou um sinal diferente do grupo, como ilustrado em figura 2B:

**Figura 2B:** boi + dança



(CM) : duas mãos em configuração Nº 64  
 (PA) : mãos na lateral da testa (fonte)

(CM) : Mão direita (MD) em Nº 26 e mão esquerda (ME) em Nº 05;

<sup>11</sup> Sotaque é a denominação que divide os estilos de Bumba meu boi no Maranhão.

(M) : angular  
(D) : da frente para trás  
(OM): para fora

(PA) : ponto neutro em frente ao corpo;  
(M) : ME de apoio, parada e MD em movimentos retílineo;  
(D) : direita para a esquerda;  
(OM): ME para cima e MD para dentro.

O sinal é realizado com duas mãos na lateral da cabeça, na fonte, o polegar tocando ambos os lados, em um movimento deslizando para trás. A segunda parte compõe a mão de apoio (neste caso a esquerda) aberta com a palma para cima e a mão direita com o sinal de dança; o dedo polegar levantado e os indicadores e médios simbolizando as pernas de alguém dançando.

O referido informante também tem idade próxima aos sinalizantes de 2A (29 anos), ainda assim, apresentou outro sinal. Um ponto importante a demarcar é que este foi o mesmo entrevistado em figura 1E, interpretando também *tambor de crioula* como dança. Nesse caso, como demarcado anteriormente, o informante não participa ativamente das festividades maranhense e pode ter expressado a sinalização de acordo com o pouco conhecimento que possui, considerando a falta de contato com a cultura local e também por questões religiosas.

Nas figuras seguintes em 2B, 2C, 2D e 2E houve para cada sinal apresentado, um sinalizante diferente do sexo/gênero masculino. Todos na faixa etária 23, 30, 34 e 56 anos, respectivamente. Vejamos:

**Figura 2C:** boi + pandeiro



(CM) : N° 64; (PA) : Lateral da cabeça (fonte); (M) : angular; (D) : da frente para trás; (OM):para fora	(CM) : Mão direita N° 05 e esquerda em 01 (PA) : próximo a cabeça , na lateral (M) : retilíneo (D) : esquerda para a direita (OM): mão direita para esquerda e mão esquerda para a direita.
--	---

Sinal realizado com uma mão em “Y”, representando o chifre do boi, na lateral da cabeça, o polegar toca a fonte, em um movimento deslizando para trás da cabeça (sinal de boi). A mão direita aberta simbolizando o pandeiro e a esquerda com os dedos juntos em movimentos como se estivesse tocando o instrumento.

O entrevistado em 2C representou o BMB a partir do instrumento musical que é destaque no sotaque de zabumba, o pandeirinho. Por ser habitante da área rural do Maranhão, ressignificou a manifestação com um aspecto visual muito importante no BMB, segundo destaca Ferreira (2015). A figura em 2D, destacou um aspecto interessante que considerou além do sentido visual, examinemos:

**Figura 2D:** boi + cortar a língua



(CM) : N° 64; (PA) : Lateral da cabeça (fonte); (M) : angular; (D) : da frente para trás; (OM):para fora	(CM) : N° 26 (PA) : direção da boca (M) : retilíneo (D) : direita para a esquerda (OM): para dentro
--	---

Sinal realizado com uma mão em “Y”, representando o chifre do boi, na lateral da cabeça, o polegar toca a fonte, em um movimento deslizando para trás da cabeça. A segunda parte do sinal é representada pela mão direita com os dedos polegar, médio e indicador abertos, com formato semelhantes a uma tesoura, simbolizando o corte da língua do boi .





Esta foi uma sinalização que chamou a atenção acerca não apenas do acesso visual às manifestações do Maranhão, mas acerca do conhecimento da historicidade. O sujeito em 2D apresenta algo além das cores, dos artefatos brilhosos ou instrumentos que esta manifestação possui. Apresenta o corte da Língua do boi que se constitui na história de pai Francisco e Catirina, como pontua Ferreira (2015).

Nesse ponto chama-se atenção para a importância das informações culturais a esses sujeitos que também são importantes influenciadores nas escolhas lexicais. Partindo da premissa que este informante atua em espaços educacionais como docente, reflete-se acerca do fator escolaridade, que segundo destaca Mollica (2012) propicia um aumento no vocabulário e a apropriação de variantes ditas mais privilegiadas. Quando perguntado sobre qual seria os sinais para BMB, mesmo as fotos apresentando fortes aspectos visuais, o surdo entrevistado em 2D apresentou a sinalização da história perpetuada nos livros e nas memórias populares.

O entrevistado em 2E foi o surdo com mais idade e, mesmo morador da capital, permaneceu com uma sinalização diferente dos demais, podendo este ser atribuído porque as inovações linguísticas nem sempre são adotadas de forma simultânea, alguns membros da comunidade linguísticas utilizam novas formas de falares, enquanto outros utilizam formas mais antigas, bem como destaca Monteiro (2000). Nesse sentido, demarca-se que o informante citado mantém contato constante com surdos mais jovens, pois, atua como instrutor de Libras em um centro de ensino e apoio à pessoa com surdez, na cidade da pesquisa; ainda assim, preservou a sinalização que se diferencia dos demais jovens do seu convívio.

Buscando relacionar a questão idade ao termo “brincadeira”, baseou-se nas proposições de Viana (2006) quando afirma que anos atrás, o BMB era considerado como brincadeira, inclusive em cidades tradicionais do interior do Estado e em alguns grupos da Capital, mantêm ainda, este status. Vejamos a citada sinalização:

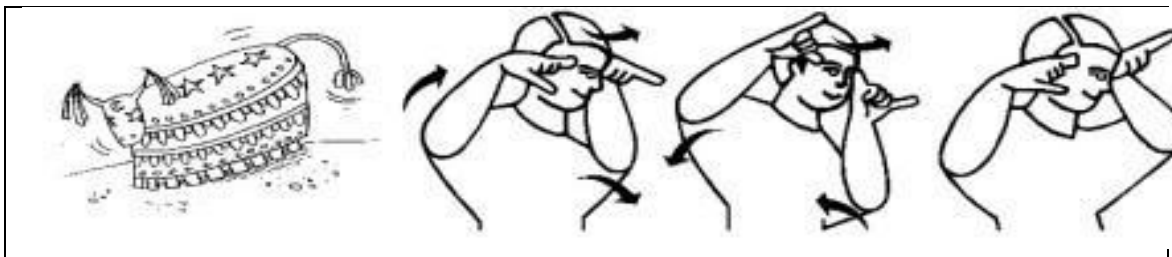
**Figura 2E:** boi+ brincadeira

	
<p>(CM) : duas mãos em configuração N° 64 (PA) : mãos na lateral da testa (fonte) (M) : angular (D) : da frente para trás (OM):para fora</p>	<p>(CM) : N° 64 (PA) : ponto neutro frente ao corpo (M) : circular (D) : de cima para baixo (OM):para dentro</p>
<p>O sinal é realizado com duas mãos na lateral da cabeça, na fonte, o polegar tocando ambos os lados, em um movimento deslizando para trás (sinal de boi). A segunda parte compõe as mãos em “Y” em movimento circular, realizando o sinal de brincar/ brincadeira em Libras.</p>	

Buscou-se no dicionário Capovilla (2009) e Flávia Brandão (2012), referências nacionais na área da surdez, os sinais para os dois campos semânticos estudados nesta pesquisa, a fim de investigar se os informantes do presente estudo realizaram sinalizações de acordo com o registro dos dicionários já mencionados. Assim, foi possível localizar apenas o sinal para Bumba meu Boi no dicionário Capovilla. Já o tambor de crioula não está registrado, apenas o sinal para o instrumento musical é destacado nos dicionários, mas não como significado da manifestação cultural. Examinemos a seguir o sinal registrado para bumba meu boi:



**Figura 3:** registro dicionarizado do sinal Bumba meu boi



Mãos configuradas em Y, localizadas na lateral da cabeça, em movimento semicircular de baixo para cima, a cabeça movimenta-se junto ao corpo simulando o movimento do boi dentro da dança.

**Fonte:** Dicionário trilingue ilustrado Capovilla (2009).

O sinal não foi realizado por nenhum dos entrevistados. De acordo com a descrição do dicionário trata-se de uma palavra pertencente às festividades regionais e foi catalogado nos Estados de São Paulo e Ceará. Vale destacar que mesmo sendo nacionalmente registrado, os surdos do Maranhão não o utilizam, o que demonstra que a língua é viva em uso real, ratificando a afirmação de Temóteo (2009) quando explana que não há uma norma padrão que torna o uso de variantes a mais escolhidas entre seus falantes e é urgente que se reflita sobre a heterogeneidade da Libras sem diminuí-la enquanto seu status de língua.

Para as variações em 2B, 2C, 2D e 2E pode-se levantar a questão da individualidade discutida por BORTONI-RICARDO (2017) *apud* GUMPERZ (1982) que mesmo a língua sendo indissociável da sociedade, ainda assim os indivíduos falantes fazem escolhas individuais. Sendo este um possível fator a ser considerado em Libras, uma vez que, foi possível coletar neste estudo muitas lexias diferentes para o mesmo sinal.

### **Considerações Finais**

A cultura popular e seus elementos, ainda que muitas vezes, não considerados enquanto conhecimento científico, principalmente no meio acadêmico, se constituem importantes elementos de estudos e análises em áreas como a linguística e a antropologia, razão porque escolheu-se o Bumba meu Boi e o Tambor de Crioula como



subsídios para a análise e discussão dos sinais utilizados na Libras, bem como, relacionar as concepções da variação Laboviana com a concepção da variação interacional, a fim de ampliar as discussões envolvendo a Língua brasileira de sinais.

Para o sinal tambor de crioula houve uma variação em proporções iguais entre homens e mulheres e a variação de sinais diferentes apresentados foi bem significativa, o que chama atenção para as proposições de Bortolozzo e Karim (2019) que pontuam sobre não elegermos apenas uma forma de falar como certa, mas repensar que existem maneiras diferentes de expressar determinados assuntos.

Percebeu-se que grupos menores se formam e, dentro desses subgrupos há ressignificações dos termos e surgem novas lexias, de acordo com a participação ou distanciamento em relação às manifestações. Houve por exemplo, informantes que mostraram mais propriedade ao sinalizar, uma vez que estão ativamente participando da cultura local, enquanto entrevistados de alguns grupos religiosos, que mantêm distância das festividades maranhenses destacaram aspectos diferentes em suas sinalizações.

Na variante bumba meu boi todas as mulheres realizaram o mesmo sinal e nessa direção, Coelho et al (2015) destaca que há maior conservadorismo das mulheres em relação aos homens, ou seja, estas utilizam variantes consideradas socialmente valorizadas, evitando o uso de gírias ou termos mais populares. Nessa perspectiva Paiva (2012) destaca que é necessário ter cautela ao falar do fator sexo/gênero pelas mudanças sociais dos últimos anos, mas que ainda é possível perceber mais conservadorismo entre as mulheres em relação aos homens.

Torna-se relevante destacar que mesmo em nossa atual sociedade, com o novo perfil de mulher forte e independente, ainda existem situações em que não se admite que a mulher faça ou diga. O próprio vocabulário no traz exemplos. Para o homem, a utilização de xingamentos é vista como algo comum e aceitável, enquanto que tal uso, é para as mulheres, incomum e deselegante.

Muitas das concepções equivocadas atribuídas à Libras podem ser justificadas pela escassez de estudos. É preciso, pois, buscar reflexões, questionar, para que surjam respostas. O presente estudo descreveu e relacionou não apenas em uma perspectiva,



porque pensamos que assim como as línguas orais, torna-se necessário abrir as possibilidades investigativas das línguas de sinais, como a Libras.

## Referências

- BAGNO, Marcos. **Língua Materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002. 246 p.
- \_\_\_\_\_. **Preconceito linguístico o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2007. 209 p.
- BRANDÃO, Flávia. **Dicionário ilustrado de Libras**. São Paulo: Global, 2012. 720 p.
- BRASIL. **Lei Federal 10.436 de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Disponível em:  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm) Acesso em: 23 Jul. 2019.
- \_\_\_\_\_. **Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei 10.436 de 24 de abril de 2002 que dispõe sobre a Libras. disponível em:  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm) Acesso em: 23 Jul. 2019.
- BLOM Jan-Petter ; GUMPERZ, John J. **Sociolinguística interacional**. GARCEZ, PEDRO M; RIBEIRO, B. T (Org). O significado social na estrutura linguística-alternância de códigos na Noruega. São Paulo, Brasil: Ed. Loyola, 2002. 271 p.
- BORTOLOZZO, Rodrigues de Sousa; KARIM, Jocineide Macedo. Sociolinguística e Livro didático: a importância constituída as capas e o esquecimento do ensino a variação da língua (gem). **Web-revista Sociodialeto**. Vol.9. N. 27, 2019. Disponível em:<http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/201/176>. Acesso em: 10 Out. 2019.
- BORTONI-RICARDO; MARIS, Stella. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2017. 189 p.
- CAPOVILLA, Fernando César et al. **Novo Deit-Libras: dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de sinais brasileira (Libras) baseado em linguística e neurociências cognitivas, volume 1**. São Paulo: Inep: CNPq: Capes, 2009. 1024 p.
- CEZARIO, Maria Maura; VOTRE Sebastião. **Manual de linguística**. Martelotta, Mário Eduardo. (Org). Sociolinguística. São Paulo: contexto, 2018. 254 p.
- COELHO et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo. Contexto, 2015. 176 p.
- COUTINHO, Denise. **Libras e Língua Portuguesa (semelhanças e diferenças)**. João Pessoa: Ideia, 2009. 154 p.



FERREIRA, Heridan de Jesus Guterres Pavão. **Preconceito em rede**: educação para as relações étnico raciais a partir do discurso dos usuários da internet. Tese de Doutorado. UFRGS, 2016. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/153255/001014273.pdf;jsessionid=FD1519E8849CD73A8EF3814DF68A9376?sequence=1>. Acesso: em 10 Set. 2019.

\_\_\_\_\_. FILHO, Marcelo Nicomedes dos Reis Silva; SILVA, Claudia Regina. (Em) Canto de santo: religiosidade e identidade no bumba-meu-boi do maranhão. **Anais do III Seminário Linguagem e Identidades: múltiplos olhares**. UFMA, 2011. Disponível em: <https://catedra.ucb.br/wp-content/uploads/2012/07/em-canto-de-santo-religiosidade-e-identidade.pdf>. Acesso em: 20 Set. 2019.

LIMA, Kátia do Socorro Carvalho. **Educação de surdos no contexto amazônico**: Um estudo da variação linguística na Libras. Belém, 2009. Dissertação de mestrado. Disponível em: [http://ccse.uepa.br/ppged/wp-content/uploads/dissertacoes/02/katia\\_do\\_socorro\\_carvalho\\_lima.pdf](http://ccse.uepa.br/ppged/wp-content/uploads/dissertacoes/02/katia_do_socorro_carvalho_lima.pdf). Acesso em 20 Jun. 2019.

LUZ, Renato Dente. **Cenas surdas**: os surdos terão lugar no coração do mundo? São Paulo: Parábola, 2013. 190 p.

MACHADO, Vanessa L. V; WEININGER, Markus J. As variantes da língua brasileira de sianis – Libras. Transversal-**Revista em Tradução**. Fortaleza, 2018. Disponível em: [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/38106/1/2018\\_art\\_vlvmachadojweininger.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/38106/1/2018_art_vlvmachadojweininger.pdf). Acesso em 30 maio 2019.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: **introdução à sociolinguística** o tratamento da variação. (Org.). Maria Cecília Mollica, Maria Luiza Braga. São Paulo: Contexto, 2012. 200 p.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000. 168 p.

NOGUEIRA, Thiago V. A. dos Santos; FERRETTI, Sérgio Figueiredo. O calor do tambor: análise do discurso das cantigas e toadas do Tambor de Crioula em São Luís no Maranhão. **Caderno de pesquisas**. Vol. 19. N. especial. 2012. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/viewFile/1066/2593>. Acesso em Jul. de 2019.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável sexo/gênero. In: **introdução à sociolinguística** o tratamento da variação. (Org.). Maria Cecília Mollica, Maria Luiza Braga. São Paulo: Contexto, 2012. 200 p.

RIBEIRO, B. T; GARCEZ, PEDRO M. **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: edições Loyola, 2002. 271 p.

SKLIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto alegre: Mediação, 2016. 190 p.

SLOBIN Dan Isaac. **Psicolinguística**. São Paulo: Edusp, 1980. 243 p.



## Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU  
ISSN: 2178-1486 • Volume 10 • Número 28 • Jul 2019

TEMÓTEO, Janice Gonçalves. **Identificando as variações linguísticas regionais e sociais presentes na língua de sinais brasileira:** uma análise bibliográfica. In: Estudos em lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia. (Org.). Maria do Socorro Silva de Aragão. Fortaleza: UFC/MÍDIA, 2009.

VIANA, Raimundo Nonato Assunção. Corpo, estética e dança popular: situando o bumba-meu-boi. **Revista pensar a prática.** UFRN, Natal, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/116/111>. Acesso em: Jun. 2019.

## ANEXO

Tabela de configuração de mãos do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).



Recebido Para Publicação em 20 de outubro de 2019.

Aprovado Para Publicação em 30 de novembro de 2019.